

*pelo Sonho  
é que vamos*



*versos de*  
**SEBASTIÃO da GAMA**

L  
42808 1/2





PELO SONHO É QUE VAMOS

L.  
42808<sup>2</sup><sub>1</sub>

CAPA DE  
LINO ANTÓNIO

PELO SONHO  
É QUE VAMOS



VERSOS  
DE  
SEBASTIÃO DA GAMA

*PORTUGÁLIA EDITORA*  
LISBOA

L  
42808-2

B. N. L.  
DEPOSITS LEGAL  
206167 - 9.11154

*«PELO SONHO É QUE VAMOS» vai ser publicado quase dois anos após a morte do autor.*

*Os Poemas, escritos de Dezembro de 1950 a Dezembro de 1951, ficaram em manuscrito por ordem cronológica; é assim que no livro vão também.*

*O título é o que o autor tinha pensado dar a este conjunto de Poemas com que iniciava uma nova fase da sua vida.*



## LÁ FORA É QUE SIM

Lá fora é que sim  
me apetece estar.  
Não ao pé do altar,  
Virgem de Belém.



E se eu for lá p'ra fora?...  
Amava-te igualmente...  
Só o modo era outro  
de rezar e ser crente.

Lá fora também andas...  
Sem manto, sem coroa,  
simples, Nossa Senhora!  
Que mais linda és lá fora!...

Vais à fonte (e eu a ver-Te  
entre as mais raparigas  
— virgens sem filhos, essas)  
encher a tua bilha.

Vais lavar o Menino...  
Mas a água é tão fria!...  
Queres que te acenda o lume,  
Virgem Maria?

## PRESEPIO

Nuzinho sobre as palhas,  
nuzinho — e em Dezembro!  
Que pintores tão cruéis,  
Menino, te pintaram!

O calor do seu corpo,  
p'ra que o quer tua Mãe?  
Tão cruéis os pintores!  
(Tão injustos contigo,  
Senhora!)

Só a vaca e a mula  
com seu bafo te aquecem...

— Quem as pôs na pintura?

## JANELAS DE ESTREMOZ

Janela fechada,  
cortina corrida...  
Nem flor a perfuma,  
nem moça a enfeita.  
— : Ninguém se lhe assoma.  
Janela tão triste,  
nem ao Sol aberta...

Em toda a cidade  
se repete a história  
mil vezes; mil vezes,  
se olhares a janela  
ou desta ou daquela  
casinha caiada,  
a vês divorciada  
do Sol e de tudo  
que graça lhe dera.

Há vinte janelas  
na casa da esquina ?  
— Na rua de cá  
dez estão fechadas ;  
outras dez, fechadas  
na rua de lá.  
Ah ! tão retraídas !  
Ah ! tão agressivas !

Que pessoas vivas  
foi que as condenaram ?

Ó janelas mudas,  
pobres prisioneiras!,  
que pessoas vivas,  
por que expiação,  
vivem na prisão  
em que vos meteram ?

— sem sol que as aquece...  
sem flor que as alegre...

Janela cerrada,  
cortina descida...  
Mocinha escondida  
por trás da janela  
— quanto mais não vale  
a rosa encarnada  
que a rosa amarela!...

*VIESSES TU, POESIA . . .*

**V**iesses tu, Poesia,  
e o mais estava certo.  
Viesses no deserto,  
viesses na tristeza,  
viesses com a Morte . . .

Que alegria mereço, ou que pomar,  
se os não justificar,  
Poesia,  
a tua vara mágica ?

Bem sei: antes de ti foi a Mulher,  
foi a Flor, foi o Fruto, foi a Água . . .  
Mas tu é que disseste e os apontaste:  
— Eis a Mulher, a Água, a Flor, o Fruto.  
E logo foram graça, aparição, presença,  
sinal . . .

(Sem ti, sem ti que fora  
das rosas ?

Mortas, mortas p'ra sempre na primeira,  
morta à primeira hora.)

Ó Poesia!, viesses  
na hora desolada  
e regressara tudo  
à graça do princípio...

## POESIA DEPOIS DA CHUVA

Depois da chuva o Sol — a graça.  
Oh! a terra molhada iluminada!  
E os regos de água atravessando a praça  
— luz a fluir, num fluir imperceptível quase.

Canta, contente, um pássaro qualquer.  
Logo a seguir, nos ramos nus, esvoaça.  
O fundo é branco — cal fresquinha no casario da praça.  
Guisos, rodas rodando, vozes claras no ar.

Tão alegre este Sol! Há Deus. (Tivera-O eu negado  
antes do Sol, não duvidava agora.)  
Ó Tarde virgem, Senhora Aparecida! Ó Tarde igual  
às manhãs do princípio!

E tu passaste, flor dos olhos pretos que eu admiro.  
Grácil, tão grácil!... Pura imagem da Tarde...  
Flor levada nas águas, mansamente...

(Fluía a luz, num fluir imperceptível quase...)

*POEMA PARA FRANCISCO BUGALHO*

P'ra onde te levaram ?  
Aqui é que é o Sol, o orvalho, a esteva.  
Aqui é que os sobreiros e os teus versos  
dizem quem foste.

O Céu é para os mortos.  
Tua égua lazã, tua seara,  
teu gado, tua vinha,  
bem sabiam que um vivo é que os sustinha.  
O Céu é para os mortos, Lavrador !

Entre olivais, montados, trigos novos,  
ando a lembrar-te.  
Saudosamente aperto entre os meus dedos  
húmida, negra, cheia de promessa,  
terra que amaste.  
O Céu é para os mortos, Lavrador !  
— : Nesta terra fecunda é que ficaste.

## SOMOS DE BARRO

Somos de barro. Iguais aos mais.  
Ó alegria de sabê-lo!  
(Correi, felizes lágrimas,  
por sobre o seu cabelo!)

Depois de mais aquela confissão,  
impuros nos achámos;  
nos descobrimos  
frutos do mesmo chão.

Pecado, Amor? Pecado fora apenas  
não fazer do pecado  
a força que nos ligue e nos obrigue  
a lutar lado a lado.

O meu orgulho assim é que nos quer.  
Há-de ser nosso o pão, ser nossa a água.  
Mas vencidas os ganhem, vencedoras,  
nossa vergonha e nossa mágoa.

O nosso Amor, que história sem beleza,  
se não fora ascensão e queda e teimosia,  
conquista... (E novamente queda e novamente  
luta, ascensão...) Ó meu Amor, tão fria,

se nascêramos puros, nossa história!

Chora sobre o meu ombro. Confessámos.  
E mais certos de nós, mais um do outro,  
mais impuros, mais puros, nós ficámos.

## NUNCA O AMOR FOI BREVE . . .

Nunca o Amor foi breve,  
quando deu fruto.  
(Cantai, aves do ar,  
em volta do seu berço !)

Sagre-o a Dor, nenhum Amor é vão.  
Exulta, voz das ondas !  
— O seu Amor floriu, deu fruto,  
como as árvores.

Cantai, aves do ar,  
em volta do seu berço.  
Cintilantes do Sol, saltai ao Sol,  
peixes do Mar.

Nunca o Amor foi triste. Nem a Vida  
foi menos bela.  
Baila contente, lágrima !,  
baila nos olhos dela.

## A UMA RAPARIGA

Somos assim aos dezassete.  
Sabemos lá que a Vida é ruim !  
A tudo amamos, tudo cremos.  
Aos dezassete eu fui assim.

Depois, Acilda, os livros dizem,  
dizem os velhos, dizem todos :  
«A Vida é triste. A vida leva,  
a um e um, todos os sonhos.»

Deixá-los lá falar os velhos,  
deixá-los lá... A Vida é ruim ?  
Aos vinte e seis eu amo, eu creio.  
Aos vinte e seis eu sou assim.

## NOSSO É O MAR

Nosso é o Mar. Nosso e renosso.  
P'la dor, p'la teimosia, pela esperança.  
Nosso até onde a vista o não alcança.  
Nosso até onde é nosso o que for nosso.

Mas depois de o ter ganho abandonámos  
alma e corpo à fadiga de o ter ganho.  
Bartolomeu, não olhes. Não despertes  
do sono que te dorme há cinco séculos.

Já o gume das quilhas não fecunda  
teu ventre feminino, Mar aberto.  
Falsa energia a nossa! Desflorado  
teu sexo, Mar, aos corvos o cedemos.

Voluptuosa e saudável, tua carne  
é convite e oferta como dantes.  
Nós, mortos! Nós, sem força! Nós, sem fogo,  
de uma saudade mole possuídos!

## NUPCIAL

Vieram todos os poetas,  
trouxeram versos, trouxeram rosas.  
Repicam sinos, finalmente...  
cantam as Coisas.

Ó meu Amor, cheia da graça  
que sobre os dois a um tempo desce,  
nas horas pagas a desgosto  
ganhâmos esta que não passa.

Já o teu seio em flor emerge  
na minha vida como um barco.  
Vamos partir de nós p'ra nós.  
Cada manhã será mais perto.

Ó estrela à mão qual uma flor,  
ó terra à espera da semente,  
ó singular, clara nascente,  
meu par na Dor e no Amor,

Ó puro altar onde vou pôr  
em sacrificio a vida inteira,  
Deus te bendiga p'la perfeita  
aceitação com que me esperas.

## SINAL

Quanto amor me tens,  
com amor to pago.  
— Trago-te no dedo,  
num anel que trago.

Num anel redondo,  
todo de oiro fino,  
que é o teu sinal,  
que é o meu destino.

Este anel me basta  
p'ra bater-te à porta.  
Truz! truz! truz! — na rua  
como o frio corta!

Como a chuva cai,  
como o vento mia!  
Mas abriste logo,  
que eu é que batia.

(Que outro anel tivera  
som que te chamasse ?)  
Já teu vinho bebo,  
p'ra que o frio me passe ;

já na tua cama  
me aconchego e deito ;  
já te chamo Esposa,  
peito contra peito.

Como tudo é simples,  
como é tudo imenso !  
Ó mistério enorme,  
de um anel suspenso !

E eis, na tua mão,  
num anel igual,  
brilha o teu destino,  
luz o meu sinal.

## IMAGEM

Ó corpo feito à imagem  
de meu desejo e meu amor,  
que vais comigo de viagem  
p'ra onde eu for,

que mar é este em que andamos,  
há três noites bem contadas  
e não tem ventos nem escolhos  
nem ondas alevantadas ?

que sol é este, que aquece,  
mas sereno, tão sereno,  
que nem te põe menos branca  
nem a mim põe mais moreno ?

que paz é esta, nas horas  
mais violentas e bravas ?  
(Sorrias : ias falar.  
Sorrias e não falavas.)

que porto é este ? esta ilha ?  
que terra é esta em que estamos ?  
(Era uma nuvem, de longe...  
Deixou de o ser, mal chegámos.)

e este caminho, onde leva ?  
e onde acaba este jardim  
que é tão em mim que é em ti ?  
que é tão em ti que é em mim ?...

Ó alma feita à imagem  
do sonho que me desmede  
— que sede é esta que temos  
que é mais água do que sede ?

## CANTIGA DE AMOR

De onde estou, tão longe,  
vejo-te à janela.  
(Não te vejo, não:  
vejo-te sòmente  
na imaginação.)

Onde estou, tão longe,  
chega a tua voz.  
Oíço um longo brado  
que é por mim que chama.  
Oh que lindo som!  
— e é imaginado...

Onde vou te levo,  
minha doce Amiga.  
Tenho-te onde estou.  
A cabeça dói-me  
porque o Sonho a cansa?  
— Onde a descansara,  
se te não trouxera  
mesmo na lembrança?

LARGO DO ESPÍRITO SANTO, 2, 2.º

Nem mais, nem menos: tudo tal e qual  
o sonho desmedido que mantinhas.  
Só não sonharas estas andorinhas  
que temos no beiral.

E moramos num largo... E o nome lindo  
que o nosso largo tem!  
Com isto não contáramos também.  
(Éramos dois sonhando e exigindo.)

Da nossa casa o Alentejo é verde.  
É atirar os olhos: São searas,  
são olivais, são hortas... E pensaras  
que haviam nossos olhos de ter sede!

E o pão da nossa mesa!... E o pucarinho  
que nos dá de beber!... E os mil desenhos  
da nossa loiça: flores, peixes castanhos,  
dois pássaros cantando sobre um ninho...

E o nosso quarto ? Agora podes dar-me  
teu corpo sem receio ou amargura.  
Olha como a Senhora da moldura  
sorri à nossa alma e à nossa carne.

Em tudo, ó Companheira,  
a nossa casa é bem a nossa casa.  
Até nas flores. Até no azinho em brasa  
que geme na lareira.

Deus quis. E nós ao sonho erguemos muros,  
rasguei janelas eu e tu bordaste  
as cortinas. Depois, ó flor na haste,  
foi colher-te e ficarmos ambos puros.

Puros, Amor — e à espera.  
E serenos. Também a nossa casa.  
(Há-de bater-lhe à porta com a asa  
um anjo de sangue e carne verdadeira.)

## CREPUSCULAR

A Morta cheira a rosas. As suas mãos ficaram,  
brancas, sobre a cidade — pombas brancas dormindo...  
A voz do Rei Dinis é um sussurro ao fundo.  
Choro? Reza? Descante? Louvor das que o amaram?

Recorta-se no escuro, geométrica, a cidade.  
Cor das mãos da Rainha. Serena como elas.  
Aparecem as luzes primeiro que as estrelas.  
Um vento manso traz o aroma das herdades.

E eis que a cidade toda é um presépio.  
Ouve-se a tropeada dos camelos,  
o riso dos pastores...

Quem está nascendo? Que deus?, que príncipe?, que poeta?  
Mãos da Rainha Santa, dai-lhe abrigo:  
Não vá ser um ladrão. Não vá ser um mendigo.

## ANUNCIAÇÃO

— Quem bateu ? Ouviste ?

Tão de manso..., tão...

— Meu Amor, é gente,  
meu Amor, ou não ?

— Se será o Anjo,  
para anunciar!?...

— Fosse a noite calma,  
fosse o vento brando,

viria..., viria...

Mas assim, Amor ?

Oh ! a alma frágil,  
nesta ventania ?

— Meu Amor, vais ver ?...

— Meu Amor, pois vou...

— Que perfume é este ?  
Esta luz que entrou,

esta paz que veio  
p'lo postigo dentro ?

— Meu Amor, não vês ?!...  
Meu Amor, não sentes ?!...

## O SONHO

Pelo Sonho é que vamos,  
comovidos e mudos.  
Chegamos ? Não chegamos ?  
Haja ou não haja frutos,  
pelo Sonho é que vamos.

Basta a fé no que temos.  
Basta a esperança naquilo  
que talvez não teremos.  
Basta que a alma demos,  
com a mesma alegria,  
ao que desconhecemos  
e ao que é do dia-a-dia.

Chegamos ? Não chegamos ?

— Partimos. Vamos. Somos.

## MADRIGAL A UMA ESTRELA

De histórias de estrelas  
ninguém quer saber.  
Não conto, não conto...  
Quem é que te quer,

história da estrela  
que fica por cima  
da minha janela?  
Tão bela! Tão bela!

Comigo te guardo,  
na vida e na morte.  
Serás um segredo...  
Serás uma estrela

que eu leve a meu lado  
na vida que leve...  
Escura que seja  
— que vida tão clara !

Que noite tão branca  
a noite que eu durma  
(debaixo da terra)  
debaixo da estrela !

Não conto. Não digo.  
Comigo te guardo.  
Assim tu, ó estrela,  
me guardes contigo...

## REGRESSO À MONTANHA

### Regresso

— nem triste nem alegre: receoso...

E o marulhar das ondas é o mesmo...

A mesma, a cor do Mar... A maresia  
tem sobre mim o mesmo sortilégio...

E o mato cheira como dantes... Fala  
comigo como dantes, reza, escuta...

E o perfil da Montanha, como dantes,  
adoça-se no escuro...

E a um canto da Noite, recolhido,  
mudo de tão feliz, o Adolescente...

*ESSE TEMPO . . .*

**E**sse tempo era bom . . .  
Há tanto, coração!  
Mas é lembrá-lo e tê-lo  
mais uma vez à mão.

Ah! que o Mundo e o Tempo  
não me levaram tudo . . .  
Tempo, azeda o meu vinho!  
Goteja sombra, Mundo!

Sede o que sois . . . Que importa?  
— Deixais-me, Mundo e Tempo,  
um fio de Sonho ainda . . .

De Sonho me sustento.

## TEMPESTADE

O Vento enchia o Mundo. Mal deixava lugar para a tremenda voz das ondas.

Mas era o Mar apenas que se ouvia.

## OBSESSÃO

Quero a Noite completa, desumana.  
A Noite anterior. A Noite virgem  
de mim. A Noite pura. Quero a Noite,  
aonde é impossível encontrar-te.

Que não há rio nem rua nem montanha  
nem floresta nem prado nem jardim  
nem pensamento algum nem livro algum  
em que não me apareças, sorridente.

## O ZAMBUJEIRO

Deus disse: «O Zambujeiro nasça.»  
Viril, rompeu da terra o Zambujeiro.  
O tronco é o dum homem das montanhas.  
São mãos de cavador seus ramos. Só as folhas,  
delicadas, suaves... Pela noite,  
quando tudo se cala, mesmo os pássaros,  
o Zambujeiro canta...

## O OUTONO É TRISTE

A onde estou não há Outono. O Outono é triste...  
Aqui não deixam nunca as folhas de ser verdes  
e há a relva e os rebentos e a alegria dos pássaros...  
E os sítios em que amámos?... Vou contigo, Mulher,  
vamos de braço dado aos sítios de outro tempo...  
Ah! que não vemos musgo, muros velhos, mofo...  
Saudades?... Nem ao menos saudades... Somos os dois tão jovens!...  
Lá vai uma flor nova romper. Detemo-nos, deixamos  
de respirar — e eis o botão rasgado e a flor aberta...

## RAIZ

Tanto dissemos tu e eu, tanta palavra!...  
E os enganos, as lutas, as promessas...  
Como tudo vai longe! Como tudo foi útil e preciso!  
Olha, vem à janela... Lá em baixo, no largo,  
brincam, junto da fonte, os moços e as meninas.  
Alegres todos, riem. Nem reparam  
como é triste uma fonte que não corre.  
O que hão-de eles saber?! Têm cinco, seis anos...

Da janela,  
vemo-los bem. Vem à janela olhá-los,  
felizes como nós...

## FÉ

Falas — e és a Pastora.  
Não contes a visão, nem as palavras  
que a Senhora te disse: apenas fala.  
Falas e em tudo creio. Até no Mundo.  
És a Pastora, fala. Fala apenas.

*INDICE*



	PÁG.
LÁ FORA É QUE SIM (Azeitão, 17-12-950). . . . .	9
PRESÉPIO (Arrábida, 24-12-950) . . . . .	10
JANELAS DE ESTREMOZ (Estremoz, 21-1-951). . . . .	11
VIESSES TU, POESIA... (Estremoz, 10-2-951). . . . .	13
POESIA DEPOIS DA CHUVA (Estremoz, 12-2-951) . . . . .	15
POEMA PARA FRANCISCO BUGALHO (Castelo de Vide, 25-2-951)	16
SOMOS DE BARRO (Arrábida, 1-3-951) . . . . .	17
NUNCA O AMOR FOI BREVE... (Arrábida, 2-3-951). . . . .	19
A UMA RAPARIGA (Estremoz, 7-3-951). . . . .	20
NOSSO É O MAR (Arrábida, 24-3-951) . . . . .	21
NUPCIAL (Arrábida, 22-4-951) . . . . .	22
SINAL (Convento da Arrábida, 6-5-951) . . . . .	23
IMAGEM > > > 9 e Estremoz, 12-5-951) . . . . .	25
CANTIGA DE AMOR (Estremoz, 18-5-951) . . . . .	27
LARGO DO ESPÍRITO SANTO, 2, 2.º (Estremoz, 8-6-951) . . . . .	28
CREPUSCULAR (Estremoz, São João de 1951). . . . .	30
ANUNCIAÇÃO (Arrábida, 15-8-951) . . . . .	31
O SONHO (Arrábida, 1-9-951) . . . . .	32
MADRIGAL A UMA ESTRELA (Arrábida, 23-10-951) . . . . .	33
REGRESSO À MONTANHA (Arrábida, 24-10-951) . . . . .	35

	PÁG
ESSE TEMPO... (Arrábida, 3-11-951) . . . . .	36
TEMPESTADE (Arrábida, 4-11-951) . . . . .	37
OBSESSÃO (Arrábida, 7-11-951) . . . . .	38
O ZAMBUJEIRO (Arrábida, 9-11-951) . . . . .	39
O OUTONO É TRISTE (Arrábida, (15-11-951) . . . . .	40
RAIZ (Arrábida, 24-11-951) . . . . .	41
FÊ (Arrábida, 8-12-951) . . . . .	42

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA  
ARTÍSTICA, LDA. — RUA DO DIÁRIO DE  
NOTÍCIAS, 113 A 117—TEL. 28771—LISBOA  
EM DEZEMBRO DE 1953.

L  
42808 2



